

Se liga na Rocinha!



Outubro de 2023 - Informe nº 10 do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva
Ampliando oportunidades de educação de crianças em contextos de vulnerabilidade
Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI/PUC-Rio
Diretora: Irene Rizzini (Profª PUC-Rio/DSS) | Coordenadora Executiva: Maria Cristina Bó
Autores: Carolina Terra, Irene Rizzini, Leandro Castro e Renata Mena Brasil do Couto
Editores: Renata Brasil, Irene Rizzini e Malcolm Bush

10

A partir da proposta "Rocinha, vamos conversar sobre as crianças pequenas?", o CIESPI/PUC-Rio organizou quatro encontros com o objetivo de estimular o diálogo na comunidade e compartilhar um pouco do que aprendemos ao longo do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva¹. Em três anos (2020-2023), realizamos 56 entrevistas junto a moradores e profissionais que atuam no local e consultamos 30 crianças com idades entre 3 e 7 anos, que nos inspiraram na escolha dos temas centrais abordados nos encontros realizados, a saber: desenvolvimento e qualidade de vida, saúde mental e educação antirracista. A última roda de conversa foi reservada para que pudessemos discutir juntos ações relacionadas aos assuntos abordados anteriormente.

Mensalmente, entre maio e agosto, no Complexo Esportivo da Rocinha, reunimos cerca de 200 moradores, profissionais de creches, pré-escolas, Clínica da Família, Centros de Atenção Psicossocial Infância-Juvenil (CAPSi), Conselho Tutelar e Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), além de integrantes de coletivos, projetos socioculturais e associações que atuam na comunidade.

Em todos os encontros, enquanto os adultos conversavam, as crianças se divertiam. A Trupe Brincante², composta por jovens moradores da Rocinha mobilizados pelo projeto, ficou responsável por animar as crianças com brincadeiras e leituras em um espaço especialmente preparado para elas.

1º Encontro Desenvolvimento e Qualidade de Vida

Nos encontros, utilizamos perguntas mobilizadoras e materiais visuais, como fotos e livros, para envolver os participantes nos diálogos. Leandro Castro, pesquisador do CIESPI/PUC-Rio e morador da Rocinha, ficou com a responsabilidade de mediar os encontros, com o apoio de outros membros da equipe como a professora Irene Rizzini e o articulador cultural Antônio Carlos Firmino. Convidamos também outros moradores e profissionais da comunidade para nos apoiar nos debates, pedindo que trouxessem destaques sobre os temas.

No primeiro encontro, realizado no dia 22 de maio, buscamos entender o que é fundamental para o desenvolvimento saudável de uma criança e se as crianças da Rocinha têm acesso a esses elementos essenciais. As mediadoras convidadas foram Heloísa Helena, assistente social e conselheira tutelar, e Aretusa de Paula, assistente social e gestora do Centro de Cidadania Rinaldo de Lamare.

A resposta inicial de uma mãe de três crianças diagnosticadas com autismo enfatizou a importância do amor e esta resposta reverberou em várias outras falas que ressaltaram aspectos subjetivos como carinho e afeto.

Algumas mães se mostraram preocupadas com a falta de acolhimento nas escolas e com a dificuldade de inclusão das crianças com

deficiências, ressaltando a ausência de profissionais de apoio escolar, um direito garantido pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (artigo 28, inciso XIII, da Lei nº 13.146/2015): *“eu luto todo dia contra um sistema que não tem inclusão”*.

Em contrapartida, educadores presentes no evento disseram compreender tais preocupações, mas também salientaram as dificuldades que enfrentam devido à falta de recursos e capacitação adequada.

A discussão abordou outras várias dimensões do desenvolvimento infantil, importantes para todas as crianças, incluindo a necessidade de ambientes acolhedores, respeito à individualidade, consideração pelas diversas realidades socioeconômicas e culturais e a importância da formação continuada dos educadores.

Preocupações com a violência, que muitas vezes ocorre dentro dos lares, e com a ausência de ambientes seguros também foram mencionadas, assim como a importância do compromisso coletivo para superar essas e outras violações de direitos. Nesse sentido, houve consenso sobre a necessidade de se realizar esforços conjuntos entre família, escola, comunidade e poder público para garantir um desenvolvimento saudável e seguro para as crianças.

A partir de uma fotografia, que retrata a Rocinha do alto, algumas pessoas ressaltaram a extensão, densidade e a beleza da comunidade,

afirmando que *“é preciso caminhar para ver do que estamos falando”*. Em relação às crianças, foi destacada a ausência de espaços seguros para brincar. Alguns moradores mais antigos da comunidade disseram que não veem mais as crianças brincando com pipa e bola de gude, como faziam em sua época.



Foto: Leandro Castro

Uma segunda foto, que traz uma criança caminhando em uma tábua de madeira, com esgoto a céu aberto ao seu lado, trouxe à tona a luta histórica da comunidade por saneamento básico.

A foto de um bebê dormindo em um colchonete de ginástica em uma creche abriu caminho para uma série de questões importantes. Enquanto uns apontaram para a falta de conforto da criança e a necessidade de ambientes mais arejados e bem iluminados para o desenvolvimento infantil, outros foram além, abordando a interrupção da amamentação exclusiva devido à necessidade das mães retornarem ao trabalho e as altas taxas de tuberculose e outras doenças respiratórias registradas na Rocinha.

As imagens levaram a outros pontos importantes, como os desafios de mobilidade para as crianças com deficiências. Crianças cadeirantes muitas vezes não saem de casa devido à falta de acessibilidade. Outros participantes destacaram como as limitações espaciais da comunidade afetam o bem-estar emocional e até mesmo a capacidade de sonhar das crianças: *“não tem como a criança sonhar em uma casa tão pequena! Elas ficam comprimidas, espremidas”*. Conectado ao tema, apareceu o direito à cidade, a necessidade de mais contato com a natureza e a importância das crianças ocuparem outros espaços para além dos limites da Rocinha.

No encerramento do evento, todos foram convidados a resumir em uma palavra sua experiência e sentimentos sobre o encontro. Algumas das palavras compartilhadas foram: esperança, empatia, união, partilha, reflexão e fortalecimento. Palavras que refletem bem o ambiente de troca e reflexão coletiva que o encontro proporcionou.

No segundo encontro, as mediadoras convidadas foram Valéria Rodrigues, diretora do Centro de Atenção Psicossocial Infância Juvenil – CAPSi II Maurício de Sousa, responsável pelo atendimento às crianças da Rocinha, e Dandara Machado, moradora da comunidade, mãe e representante do coletivo de pais e responsáveis por crianças com deficiências “Inclusão Inclusiva”.

Durante a conversa, quando o grupo buscava compreender como a comunidade atua em relação aos cuidados com a saúde mental e as deficiências das crianças da Rocinha, vários temas foram levantados. A pandemia foi apontada como um dos fatores que contribuiu para o agravamento das situações de saúde mental das crianças e dos adolescentes da comunidade e seus impactos foram ainda maiores em relação às crianças com deficiências e/ou com diagnóstico de autismo.

A discussão girou em torno de como, mesmo antes da pandemia, o acesso a serviços especializados já era restrito, mas, com a pressão adicional sobre os sistemas de saúde, a situação piorou. A escassez de profissionais especializados, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, nos equipamentos de saúde é uma grande barreira para o adequado atendimento das crianças.



Foto: Arquivo CIESPI

Mas não é só na saúde que a ausência desses profissionais traz impactos, mães pontuaram que sentem falta de apoio psicológico para as crianças também nas salas de aula. Elas se sentem sós e apontam para a necessidade de serem apoiadas em suas vivências e de se unirem para que umas deem suporte as outras: *“É necessário um olhar integral*

para as mães. As famílias só querem ser ouvidas”. Essa sensação de desamparo atravessou também a fala de profissionais que, por vezes, se sentem “cansados” e “mal remunerados”, o que influencia no atendimento oferecido. Ambos os grupos compreendem a importância de se refletir e criar estratégias coletivas para cobrar das autoridades os direitos que lhes são devidos e sanar as situações abordadas.

3º Encontro Educação Antirracista

As mediadoras Valeska Cerqueira, coordenadora da Escola Municipal Rinaldo De Lamare e Magda Gomes, vice-presidente do Instituto Guetto e fundadora do coletivo A Rocinha Resiste ficaram responsáveis por trazer os destaques da comunidade para o terceiro encontro realizado na Rocinha.

Para dar início ao debate, Eliane Gomes, pesquisadora do CIESPI/PUC-Rio, leu duas histórias do livro “Meninas Negras: a história do meu black”, escrito em parceria com sua filha, Julia, e com Daniele e Alice Pereira, outra dupla de mãe e filha. Os trechos abordam questões de identidade, autoestima e resistência, temas cruciais para uma educação antirracista. Esse momento literário foi um exemplo prático de como o tema pode ser abordado na luta antirracista desde a infância.



Capa: Adilson Adão

Após a leitura, todos foram convidados a responder como o racismo afeta a educação das crianças pequenas. Na conversa, várias histórias pessoais foram compartilhadas, destacando o impacto do racismo e da discriminação na autoestima e na construção da identidade das

crianças. Os participantes trouxeram exemplos concretos de preconceitos vividos, inclusive no âmbito escolar, e de como o racismo se manifesta de formas tanto explícitas como implícitas.

A percepção de que a Rocinha é uma comunidade com uma diversidade de origens também apareceu. Por isso, as experiências das crianças quanto ao racismo são diversas. Os participantes disseram que o racismo afeta de diferentes formas diferentes grupos étnicos, como indígenas, quilombolas e ciganos, destacando que a luta contra o racismo deve ser parte de um esforço mais amplo para combater todas as formas de preconceito e discriminação. A Lei 10.639/2003, que exige a inclusão da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares, foi lembrada, assim como a necessidade de incidir politicamente para o seu cumprimento.

Um participante abordou a necessidade de resgatar e valorizar a cultura e a história dos ancestrais negros, como um meio para combater o racismo. Outra moradora mencionou a iniciativa de uma escola local de introduzir bonecas negras nas salas de aula e destacou a importância da representatividade em materiais pedagógicos: *“É preciso falar sobre isso nas salas de aula”.*

4º Encontro Ações possíveis

O quarto encontro resgatou elementos centrais trazidos pelos participantes das rodas de conversa anteriores. A ideia era que, a partir deles, pudéssemos pensar juntos estratégias para levar as demandas registradas até gestores e representantes do poder público responsáveis por elaborar, executar e/ou monitorar políticas capazes de melhorar as condições de vida da Rocinha e de suas crianças.

Sobre o **desenvolvimento infantil e a qualidade de vida das crianças**, os moradores e profissionais da comunidade presentes nos encontros consideraram que:

- 1) Falta diálogo entre pais e profissionais de creches e pré-escolas.
- 2) É preciso ampliar a escuta não só das crianças, mas especialmente das famílias e das mães, suas maiores representantes.
- 3) É importante cuidar com respeito às diversidades, com profissionalismo e ampliando as oportunidades de diálogo entre instituições e famílias.
- 4) Faltam profissionais preparados para atuar com questões emocionais e é importante oferecer

apoio psicológico nas escolas.

5) Faltam cuidadores escolares.

6) É necessário ter afeto e garantir segurança (física, emocional, alimentar, etc.) em todos os espaços de convívio das crianças e suas famílias.

7) Faltam espaços seguros para as crianças.

8) A mobilidade de crianças com deficiência física é um desafio para a comunidade.

9) Políticas públicas e o olhar para a Primeira Infância devem impactar serviços e provocar incidências locais e compromissos coletivos.

10) A formação de uma rede de apoio mais sólida é essencial para enfrentar violações de direitos que são históricas na Rocinha.

Sobre a **saúde mental e os desafios das crianças com deficiências:**

1) Faltam recursos e serviços de qualidade acessíveis, com profissionais especializados, em resposta às demandas das crianças e suas famílias.

2) Falta preparo nas escolas para atender as crianças com questões de saúde mental e suas famílias.

3) No serviço de saúde, faltam tratamentos individuais.

4) É fundamental que o conjunto da sociedade perceba e respeite as capacidades das crianças e adultos com TEA.

5) Importante apoiar o fortalecimento da Lei nº 13.935/19, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica.

6) Destacada a importância da mobilização social frente ao tema da saúde mental.

Sobre a **educação antirracista:**

1) Importante reconhecer a pluralidade da Rocinha. Variados grupos étnicos sofrem racismo e ficam invisibilizados nos debates e nas estratégias pedagógicas na educação.

2) O fortalecimento da autoestima e da

construção de identidades são desafios para o enfrentamento do racismo nos espaços de educação.

3) A educação infantil é um espaço importante para abordagens que favoreçam as expressões das identidades de todas as crianças e as formas de convivência e relações respeitadas.

4) A educação antirracista é fundamental para produzir ferramentas e atividades de fomento para desconstruir o racismo.

5) Não há um debate aberto e enfrentamento das situações de racismo com estratégias de escuta das crianças e percepção de seus sentimentos sobre o assunto.

6) As escolas devem promover não só conversas e escutas com as crianças sobre o racismo e as experiências que elas vivenciam em casa e/ou fora de casa; como também com os adultos.

7) Importante promover encontros brincantes com ênfase no antirracismo, com o apoio de livros e bonecas/os negras/os.

8) Importante incidir politicamente em torno do cumprimento da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08.

A partir desses elementos, a realização de um mutirão para a divulgação de informações sobre a Primeira Infância na Rocinha foi uma proposta considerada fundamental. Iniciamos uma articulação com profissionais de saúde para a mediação do atendimento às mães e seus filhos que enfrentam desafios em saúde mental e com deficiências. E estamos construindo um documento com demandas prioritárias a serem encaminhadas a atores-chave do poder público. Convidamos a todos os moradores da Rocinha a se juntar a nós nessa caminhada e a conhecer mais sobre o projeto no site www.ciespi.org.br ou através do WhatsApp: 21 98266 7045.

Esse texto encerra a série de informes do projeto Primeira Infância Participava e Inclusiva e agradecemos a todos que, de diferentes formas, contribuíram para sua realização. Seguiremos nossas ações em parceria com atores locais!

¹ O projeto é desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido. Internacionalmente, coordenado por Kay Tisdall, professora da Moray House School of Education and Sport da Universidade de Edimburgo (Escócia). No Brasil, coordenado por Irene Rizzini, professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora do CIESPI/PUC-Rio.

² A Trupe Brincante é formada por Yasmim Souza, Nicolas Cabral e Elaine Silva, três jovens moradores da Rocinha que participaram de uma formação conduzida por Cristina Lacleite Porto, Nathercia Larcera e Carolina Terra. Saiba mais na publicação “Primeira Infância e ação comunitária na Rocinha: jovens (re)descobrimo as infâncias”, disponível no site www.ciespi.org.br